



PANORAMA
BRASIL-PORTUGAL
EM MOVIMENTO

II SEMINÁRIO
INTERNACIONAL
LUSO-BRASILEIRO

MEDIA - ARTE -
TECNOLOGIA

PANORAMA BRASIL-PORTUGAL EM MOVIMENTO

BRASIL E PORTUGAL EM DIÁLOGO

De um lado Portugal e do outro Brasil, separados pelo oceano, agora unem-se através da conexão cultural no sentido de fortalecer e consolidar o fraterno relacionamento de laços tão antigos, tão especiais, tão estreitos e tão fortes que unem historicamente os dois países. O projecto que aqui se apresenta visa estimular o intercâmbio cultural em língua portuguesa, a partir do cinema, pintura, música, teatro, envolvendo artistas e académicos de ambos os países. Uma das características do projecto é o carácter interdisciplinar das suas acções que giram em torno das temáticas da cidadania, cultura, linguagem e comunicação. Panorama Brasil-Portugal em movimento propõe, ainda, a reflexão, o diálogo, o envolvimento e mobilização de todos na sociedade como parte integrante no mundo.

UM DEBATE INTERCULTURAL PLANETÁRIO

Na contemporaneidade, o processo de globalização vem fornecendo novas configurações identitárias, o que nos leva à análise das relações do sujeito com o global/local e o fenómeno da fragmentação dos territórios. Ao colocar diferentes áreas do globo em interconexão, a globalização faz com que as perspectivas de transformação social atinjam virtualmente todo o mundo. Assim, não só temos uma maior circulação de produtos como também uma rearticulação das relações entre culturas e entre países. Aqui, o poder económico está descentralizado, deslizando pelos continentes atrás de escala e rentabilidade; as culturas estão mais híbridas devido ao aumento das possibilidades desterritorialização.

A integração e reprodução da nova ordem global fundamenta-se na lógica da curta duração, dissolução e fragmentação da identidade do indivíduo. No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e seguranças frágeis, a saturação do universo simbólico daí resultante deixa-nos inertes e apáticos, rendidos à pura reprodução e sem qualquer outro referente que não seja as próprias imagens geradas pelos media. A generalidade dos modelos produzidos é ordenada por uma lógica de disciplinamento do corpo social, que pretende remeter a cada indivíduo uma dada posição bem definida na sociedade (enquanto consumidor).

Encontramos, porém, processos de reconhecimento dos grupos que carregam e defendem as diferenças étnicas e culturais que se opõem à matriz dominante do nation-building; a demanda por inclusão e por pluralidade no sentido da reparação de exclusões históricas; a demanda por reorientação das políticas públicas no sentido de assegurar a diversidade/pluralidade de grupos e tradições.

O actual contexto social tem sido determinado por mudanças substanciais em todas as esferas da actividade humana. Estamos passando por um processo de redefinição de uma série de conceitos, valores e princípios que até há muito pouco tempo, não eram sequer questionados.

Os tempos actuais, (os tempos pós-modernos, para alguns), causaram um estado de transformação na sociedade humana, havendo uma modificação do estado sólido para o líquido. Este estado de fluidez não é apenas económica ou política, ela também se reproduz nas restantes áreas da vida humana: nas relações pessoais e na vida cotidiana. Estamos vivendo os múltiplos efeitos de um mundo cada vez mais complexo, com avanços tecnológicos, mas também com antagonismos, contradições, conflitos, formas de inclusão e exclusão dos sujeitos.

O mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que se abre a fluxos do capital financeiro globalizado, exibe inúmeros exemplos de fortalecimento dos controles territoriais, de revitalização dos nacionalismos, de valorização das raízes étnicas, da xenofobia e da busca por uma definição mais concreta de identidade. Nesse horizonte, a sociedade global pode ser vista como uma totalidade desde o início problemática, é complexa e contraditória; atravessada por desigualdades e diferenças, que se reflectem nos indivíduos, grupos, classes, tribos, nações, sociedades, culturas, religiões e idiomas. Desarticula as identidades fixas e estáveis do passado, mas, abre perspectivas para novas articulações que permitem a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos que se recompõem em torno de pontos nodais particulares de articulação ou “pluralidade de centros de poder”.

Ao mesmo tempo que a globalização representa uma certa forma de interconexão e interpenetração entre regiões, estados nacionais e comunidades locais que está marcada pela hegemonia do capital e do mercado, ela também se faz acompanhar por uma potencialização da busca por singularidade, por um espaço de diferença - a emergência de novas formas de identificação coletiva – negros, mulheres, povos indígenas, ecologia, pacifismo, juventude, movimentos religiosos – e novas formas de pensamento, que puseram em questão o etnocentrismo e o caráter excludente da ordem vigente. A identidade é, então, construída a partir de elementos opostos: diferença e igualdade; objetividade e subjetividade; ocultação e revelação e, para compreendê-la, é necessário desvendar essas contradições dialéticas.

DIFERENÇAS E ENCONTROS

Este encontro de natureza transnacional revela-se uma ocasião ímpar de diálogo e intercâmbio, ao procurar problematizar as actuais políticas culturais e científicas, a diversidade cultural e a produção artística em língua portuguesa. É nosso intuito, também, aprofundar e sistematizar propostas teórico-metodológicas na formação para a intervenção em contextos de diversidade cultural, tendo como eixo central:

- a) Foco na diferença
- b) Foco nas estratégias pedagógicas
- c) Foco no diálogo

Promovemos o intercâmbio de iniciativas e conhecimento entre Brasil e Portugal visando à elaboração de ações positivas por parte do Estado e da sociedade civil. Panorama Brasil-Portugal em Movimento visa a reflexão, o diálogo, o envolvimento e a mobilização da comunidade científica, acadêmica, cultural e artística de ambos países, incentivando o estabelecimento de pontes e parcerias para o futuro.

II SEMINÁRIO INTERNACIONAL LUSO-BRASILEIRO

PROGRAMAÇÃO

LOCAL

Universidade Nova de Lisboa
Avenida de Berna, 26-C – Lisboa
Auditório 1 - 1º Andar

DATAS

02/11/2010 À 05/11/2010

02/11/2010 - MANHÃ

9h30: Sessão de Abertura

Sessão protocolar de abertura do evento

10h00: Estudos Televisivos Portugal/Brasil

Curadoria Científica: Francisco R. Cândima (CIMJ-UNL)

Isabel Férin (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra): Audiências e recepção das telenovelas brasileiras em Portugal.

Francisco Rui Cândima (FCSH-UNL): A literatura científica sobre o jornalismo televisivo em Portugal.

Gabriela Borges (Universidade do Algarve): Mapeamento do campo dos estudos televisivos no Brasil.

Trata-se de uma sessão sobre uma área específica das ciências da Comunicação - os Estudos Televisivos em Portugal e no Brasil. Trata-se de uma sessão de debate e apresentação dos principais estudos e autores de Portugal e do Brasil, numa matéria concreta, de grande relevância para a pesquisa de ambos os países. Procurar-se-á identificar as principais linhas de investigação e as obras de referência na área, no sentido de serem verificadas ou não similitudes temáticas, metodológicas e empíricas, na perspectiva de se consagrar progressivamente uma aproximação entre as duas comunidades científicas.

10h00: Mesa-Redonda

Temas de Investigação dos Estudantes Brasileiros de Doutoramento na FCSH/UNL (com a participação de vários estudantes brasileiros)

11h00: Painel «Estudos Televisivos»

Participação de vários investigadores portugueses e brasileiros sobre o tema, procurando caracterizar o state of the art desta área específica.

DEBATES

02/11/2010
TARDE

14h- *Identidade, Performance e Representação Visual*

Curadoria Científica: Rosana Martins(CIMJ-UNL/CECP-USP)

Traz importantes contribuições para as reflexões sobre os vínculos identitários, a produção de subjetividade e a sua relação com os recursos mediáticos. Torna-se fundamental

compreender de que forma a inserção dos discursos imagéticos contribuem para a construção de identidade (s) cada vez mais fluidas, múltiplas, provisórias... talvez imersas no “paradigma do fluxo”.

Mediação: **Maria Goretti Pedroso**. Jornalista, com especialização em cinema publicitário. Mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Atualmente, dirige comerciais, institucionais e documentários, além da área pedagógica. É autora dos livros: *Mulher Virtual*, (Esetec, 2005); *Admirável Mundo MTV Brasil* (Saraiva, 2006); *Direitos Humanos Segurança Pública & Comunicação* (Acadepol, 2007).

Rosana Martins. Pós-doutoranda do CIMJ – Centro de Investigação Media e Jornalismo, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, e pesquisadora do Centro de Estudos Cibernética Pedagógica - Laboratório de Linguagens Digitais - Universidade de São Paulo/Escola de Comunicações e Artes - São Paulo/Brasil

Comunicação: Embates entre a Identidade e Transnacionalização Cultural: um estudo de caso sobre a Music Television

Maria de Fátima Grave. Doutoranda em Engenharia Têxtil, Universidade do Minho. Mestre em Moda ,Cultura e Arte,Senac(2007), pós Moda e Comunicação UAM(2002),Estilista Esmod/Paris, graduação em Economia Doméstica - Faculdades Integradas Teresa D'Avila de Santo Andre (1980), complementação em Pedagogia na Universidade do Grande Abc, Técnica em Educação Doméstica , Escola Estadual Carlos de Campos (1973). Pesquisadora de vestuário com design ergonômico para pessoas portadoras de deficiência física junto aClínica CURAT e a Fundação Selma (desde1998).

Comunicação: A interligação entre a Moda, identidade e Mídia.

Luís Filipe B. Teixeira. Professor Catedrático da ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Professor Catedrático do ISMAT-Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes. Áreas científicas de interesse: New Media, Game Studies/Ludologia, Cibercultura, Cibertexto. Membro das comunidades portuguesa e brasileira de videojogos

Comunicação: Novos Medias e Cultura de Simulação

03/11/2010

INTER (IN) VENÇÕES:

Intermedia e Interculturalidade nas Artes da Interacção e da Interactividade.

Curadoria Científica: Pedro Andrade (CECL)

O evento inclui um seminário e uma exposição sobre artes e new media.

Na era da Web 2.0, grande parte das mediações são remediações, ou reformulações dos media por outros media, segundo Jay David Bolter. Daí que o propósito principal deste evento consista em intermediar as duas intermediações seguintes:

1ª mediação: interculturalidades / intermedia: em termos do conteúdo das mediações, o evento conecta Interculturalidades, ou seja, culturas diferentes e autónomas, mas dialógicas e solidárias, a Portuguesa e a Brasileira. Quanto à forma das mediações, os investigadores e artistas convidados utilizam o intermedia, isto é, diversos media em mixagem, hibridação ou fusão.

2ª mediação: interacções / interactividade: a interacção entende-se, essencialmente, enquanto relação entre vários agentes sociais que realizam acções conjuntas, de acordo com Georg Simmel, George Mead, etc.. Na arte, este processo de interacção é mais visível nas performances, happenings, etc. Por seu turno, a interactividade é mais conotada com a relação activa entre um agente e um objecto digital, por exemplo o homem e o computador, sendo a sua eficacidae circunscrita pela 'usabilidade' da interface, segundo Jakob Nilesen. A internet conecta interactividade e interacção, essencialmente na era da Web 2.0 (blogs, wikis, redes sociais, etc.).

DEBATES

03/11/2010

'INTERACÇÕES / INTERACTIVIDADES'

Manhã

Interacções de arte.

10h 00: Apresentação da mesa 1

10h 05: Luís Campos, médico e artista plástico (Portugal)
'Limiaries'

10h 30: Dan Mabe, artista plástico (Brasil)
'Artes de rua'

11h 05: DEBATE (15')

11h 20: Intervalo (10')

11h 30: Apresentação da mesa 2

11h 35: Eduardo Salavisa, artista plástico (Portugal)
'Diários de artista'

12h 05: Nuno Maya, artista plástico (Portugal)
'Lugares públicos interactivos'

12h 35: DEBATE (15')

12h 50: Final da sessão da manhã

13h00: Almoço com os participantes

Tarde

Interactividades de arte.

14h 00: Apresentação da mesa 3

14h 05: Pedro Andrade, sociólogo e artista new media, Univ. Lisboa (Portugal)

'Métodos new media nas práticas artística e sociológicas'

14h 35: Maria Goretti Pedroso, Univ. São Paulo (Brasil)

'A imagem da mulher na sociedade da comunicação cibernética'

15h 05: DEBATE (15')

15h 20: Intervalo (10')

15h 30: Apresentação da mesa 4

15h 35: Silvestre Pestana, artista new media (Portugal)

"Projecto: Galeria Pública para Artes Digitais 2005 a 2010".

16h 05: Exibição de videos de Luís Petry, filósofo e artista new media, Univ. Católica de São Paulo, e de Paulo Mello, Dir. Criativo Design, Univ. Mackenzie (Brasil)

16h 35: DEBATE (15')

16h 50: Final da sessão da tarde

05/11/2010 Seminário - Etnografia, Imagem e Cultura Visual

Comissão organizadora: Ricardo Campos (CEMRI/UAb) e Catarina Alves Costa (CRIA/FCSH)

10.30h – 12h. Contextos da Antropologia Visual lusófona

- Catarina Alves Costa (Centro em Rede de Investigação em Antropologia/FCSH)
- José Ribeiro (Lab. Antropologia Visual CEMRI – Univ. Aberta)
- Clara Carvalho (Centro de Estudos Africanos - ISCTE IUL)

14h – 16h. Media e vídeo participativo (Mostra de vídeo e debate)

- Peter Anton Zoetl (Lab. Antropologia Visual CEMRI – Univ. Aberta)

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

LOCAL

Casa da América Latina

Avenida 24 de Julho, 118-B 1200-871
Lisboa

DATAS E HORÁRIO

Novembro 3; 10; 17 e 24

Horário: 18h30

DIÁLOGOS INTERCULTURAIS

Promover o debate entre os diferentes segmentos sociais e culturais, com o objetivo de fomentar a coesão e diálogo intercultural luso-brasileiro.

03/11/2010

CONECÇÕES BRASIL-PORTUGAL-AFRICA



HIP-HOP DE BATOM

Este projeto dá continuidade e aprofunda um processo de articulação entre as organizações da sociedade civil e dos governos. A rede de mulheres que vem contribuir para o debate público, com a geração de propostas e com o avanço no conhecimento sobre a violência de gênero, na perspectiva de incidir em políticas públicas, tem vindo a aumentar.

Diálogo e Acção, que é também representante oficial da Zulu Nation brasileira em Portugal, é uma entidade sem fins lucrativos que tem como missão a prática da cidadania e a construção de diálogos de Paz como contributo para um mundo melhor e mais justo.



HIP-HOP PORTUGAL

LÍGIA FERRO. Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, actualmente é doutoranda no âmbito do Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana (ISCTE/IUL), desenvolvendo a sua tese na área das práticas culturais juvenis em contextos urbanos como bolsreira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Realiza investigação no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE) e no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (IS-FLUP).



HIP-HOP AFRICA

CHLOÉ BUIRE está a finalizar o seu doutoramento em geografia no laboratório GECKO (Géographies Comparées des Nord et des Suds) na Universidade Paris Ouest – Nanterre (França). Desde quatro anos, compartilha a sua vida entre Paris onde ensina geografia (Université Paris Ouest – Nanterre e Paris Est – Créteil) e Cape Town, África do Sul, onde investiga sobre a elaboração da cidadania na vida cotidiana nos bairros pobres de Cape Town. Depois de uma visita em Luanda, 2009, decidiu alargar as suas investigações as outras capitais africanas. As variações locais de hip hop dão uma vista original e atualizada dos desejos de ser da juventude, especialmente no contexto de Luanda, depois quase cinquenta anos de guerra. A partir de videoclips disponíveis na internet, analisa as identidades luandenses de hoje através dos produtos culturais abertos ao mundo global virtual. Escreveu um artigo com Arnaud Simetière, publicado no jornal Géographies et Cultures, intitulado « Luanda par-delà son hip hop. Lorsque les clichés globaux inventent une ville africaine ».

INTERPRETE

M. MADALENA C. R. PITEIRA

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante Inglês/Alemão pela FCSH, UNL (1996). Ramo de Formação Educacional, Inglês/Alemão pela FCSH, UNL (2000). Mestrado em Literatura Comparada no Departamento de Estudos Portugueses na FCSH, UNL (2005). Professora do Curso de Tradução/Retroversão-Inglês e professora do curso de Formação de Formadores, Português –língua estrangeira, CEL (Centro Europeu de Línguas).

10/11/2010



ARTISTAS VISUAIS BRASILEIROS NO MUNDO

Artistas do Projecto Panorama Brasil em Movimento

17/11/2010

AFRICANIDADE BRASILEIRA



BUMBA BOI MARANHÃO

Heridan Guterres

Mestre em Saúde e Meio Ambiente pela UFMA, tem realizado trabalhos com as populações vulneráveis (carcerárias, especialmente) numa interface entre a Linguística e a Antropologia.

Sua vasta experiência docente tem permitido atuar nas áreas de educação adequada, especialmente junto aos quilombolas, trabalhando com o projeto Educacional O BOI CONTOU (Guimarães, MA) além de ter sido a responsável por diversas programações como a SEMANA DE CONSCIÊNCIA NEGRA, promovido pela Fundação Cultural Palmares.

Roteirista do documentário “João da mata falado” (Etnodoc), faz pesquisas sobre a religião de matriz negro africana na Baixada Ocidental maranhense, nomindamente os “pajés”.

Brincante do Bumba Boi da “Fé em Deus” (São Luís), um dos Bumba Bois de zabumba mais tradicionais do Estado, tem a experiência de estar dos dois lados da brincadeira, seja atuando como “vaqueira”, seja como investigadora desta manifestação cultural que remete a uma ancestralidade ibérica e africana.

CAPOEIRA BRASIL NO MUNDO

Abadá-Capoeira

“O que eu desejo é que as pessoas descubram e usufruam os benefícios e a felicidade que a Capoeira proporciona. Aqui não existe discriminação, todos podem participar... Acho sinceramente que a Capoeira pode ajudar a tornar a nossa sociedade melhor e mais humana e mostrar que todos nós temos valor independente do grau de instrução ou nível social. A Capoeira equilibra e harmoniza as pessoas. Numa aula de capoeira ninguém usa roupa bonita ou acessório importado, é todo mundo igual, de roupa branca e pé no chão”. **Mestre Camisa (Presidente da Abadá-Capoeira)**



24/11/2010

CULTURAS URBANAS

AFRO-REGGAE E RAP PORTUGAL

Convidadas:

Teresa Fradique



Antropóloga (licenciada em 1993 e mestre em 1998 pelo Departamento de Antropologia Social do ISCTE). Tem desenvolvido, desde 1992, interesses no âmbito da antropologia e arte, com relações com documentário e as artes visuais. É Professora Adjunta na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR), onde lecciona desde 1999, na área das ciências sociais, trabalhando com alunos de Teatro Design e Artes Plásticas. Fez trabalho de campo e pesquisa sobre música rap, culturas juvenis e identidade nacional pós-colonial, da qual resultou a publicação do livro *Fixar o Movimento: Representações da música rap em Portugal* (Edições D. Quixote, 2003). Trabalha como consultora e acompanhamento crítico de projectos artísticos na área das artes performativas. Desenvolve como principais áreas de interesse de investigação a antropologia da performance; antropologia da arte; antropologia visual; antropologia e cultura material; pós-colonialismo, culturas juvenis e identidade nacional.

Susana Durão



Doutora em Antropologia. É actualmente Investigadora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Foi bolsreira de pós-doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro e École d'Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (2007-2008). Nos últimos dez anos especializou-se nos temas do policiamento e estudo de práticas profissionais em meios insitucionais e urbanos; estudo da violência, vitimação e respostas institucionais de reparação. Mais recentemente tem-se interessado pelos usos da cultura e do social como política em movimentos e organizações de periferias urbanas pobres de Portugal e do Brasil. É autora de "Patrulha e Proximidade. Uma Etnografia da Polícia em Lisboa" (Coimbra/São Paulo: Almedina, 2008).

LOCAL

Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro

Antigo Solar da Nora
Estrada de Telheiras, nº 146 (metro Telheiras)

20/11/2010 - 17h



APRESENTAÇÃO DO PROJETO HIP HOP DE BATOM E CONVIDADOS

Curadoria Artística: Ana Rita Chaves

O Hip Hop de Batom é um projecto da Associação Dialogo e Ação, que também é representante oficial da Zulu Nation em Portugal e da casa do Hip Hop do Brasil. O grupo Hip Hop de Batom é um grupo de mulheres de vários bairros da periferia de Lisboa que lutam contra a discriminação da mulher, violência doméstica entre outras problemáticas. Que afectam a mulher na sociedade de hoje. Buscando por uma igualdade unânime e justa.

Este projeto foi patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian e tem 16 temas cantados em Português, crioulo, francês, espanhol. A coletânea sai em Junho e as jovens do projeto farão seu lançamento na Fundação Calouste Gulbenkian e para além disto já estão com a agenda bem recheada de convites. Já tiveram o privilegio de cantarem por duas vezes na FNACC do Chiado, no dia 8 de Março (dia internacional das mulheres) no Rossio, na Praça de Camões no dia do trabalhador, abriram o show do grupo brasileiro Racionais MC's no Armazém F em Portugal.

CINEMA PERIFÉRICO BRASIL

LOCAL

Casa do Brasil

Rua Luz Soriano, 42, no Bairro Alto em Lisboa

DATA E HORÁRIO

19 de Novembro de 2010

Horário: 19h



RAP DE SAIA

Documentário. 2006. Duração: 18 minutos.
Direção: Janaina Oliveira (Re. Fem) e Christiane Andrade (Queen).

O Rap de Saia é um documentário que relata, através das vozes e rimas das próprias protagonistas, parte da trajetória histórica do Rap Feminino no Estado do Rio de Janeiro. Além da trajetória histórica, o Rap de Saia trás um apanhado de temas que nos leva a reflexão sobre a mulher na sociedade atual.

Dirigido pela rapper 'Re. Fem.', o documentário 'Rap de Saia', com 18 min de duração, visibiliza a história e a participação das mulheres no hip-hop carioca, visando alcançar não apenas o entendimento dos hip-hoppers, mas também atrair toda a sociedade para uma discussão ainda travada concernente a 'Direitos Iguais'. E para que tais objetivos sejam alcançados, o documentário corre as salas de aulas, salas de cinema, festivais do Brasil e outros países como: Estados Unidos, Alemanha, França, Itália e Suécia, Visibilizando o Hip Hop feminino carioca.



MÃES DO HIP HOP

Documentário. 2009. Duração: 26 minutos.
Direção: Dudu de Morro Agudo e Janaina Oliveira (Re.Fem.).

O Documentário traça o perfil de cinco MCs de Morro Agudo (Léo da XIII, Átomo, Kall, Lisa e Dudu de Morro Agudo), a partir da ótica de suas mães faz uma panorâmica social do bairro e da transformação que a cultura Hip Hop fez na vida desses jovens.

ELEMENTO FEMININO

Documentário. 2008. Duração: 10 minutos. Direção: Leopapel

Documentário sobre as impressões e vivências das mulheres que estão integradas no movimento hip hop de São Paulo, com Dina Di, Morgana Souza, Tati Laser, Cris e Dyad. Um vídeo com um olhar aos preconceitos e dificuldades que as mulheres passam para conquistar seus lugares no mundo do hip hop.

MISTURA BÁSICA HIP HOP

Documentário. 2009. Duração: 16 minutos. Direção: Leopapel

É um documentário conseqüente do single Mistura Básica Hip Hop onde é um projeto de incentivo a produção independente no hip hop, precisamente com o rap, contando com a parceria do grupo Alquimistas e o rapper Leopapel. O documentário abre uma visão sobre as dificuldades e vantagens que a produção independente oferece hoje em dia no universo artístico em geral, abrindo as possibilidades para um novo mercado para o hip hop onde geralmente sempre foi muito precário.

CINEMA PERIFÉRICO BRASIL

21h - DEBATE



LEO PAPEL

Rapper, Produtor e Cineasta

Desde 2001 eu trabalho com o hip hop, mais precisamente com o rap, sou integrante do grupo Guerrilheiros desde 2003, e também tenho alguns projetos solos. A partir de 2005 eu “Leopapel” venho me destacando no circuito independente do rap através de trabalhos com o áudio visual, como vídeo clipes, documentários, curtas e outros tipos de vídeos, todos quase sempre voltados ao rap e a cultura hip hop. Com esses trabalhos eu fundei a “Cogumarola Produções” onde me ajudou e ampliou meus contatos com outros grupos do hip hop brasileiro, alguns grupos e ícones de destaque do rap nacional, como RZO, Dj Cia, Função RHK, Dina Di, Filosofia de Rua entre outros, também estabeleci contatos com ícones internacionais do rap como Saian Supa Crew “França”, Ja Rule”EUA”, Tony Touch e B-Real “Cyprees Hill – EUA”.

Meu principal objetivo com esses trabalhos é o incentivo da produção independente, provando que com poucos recursos e boas idéias, ultrapassamos dificuldades e criamos nossos próprios meios de divulgação, principalmente através da internet, veículo fundamental no movimento independente.

ARTES VISUAIS

LOCAL

Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro

Antigo Solar da Nora
Estrada de Telheiras, nº 146 (metro
Telheiras)

DATA

24/11/2010 a 13/12/2010

NOIA



ARTES VISUAIS

LOCAL

Casa da América Latina
Avenida 24 de Julho, 118-B
Lisboa

DATA

10/11/2010 A 19/11/2010

LOCAL

Casa do Brasil
Rua Luz Soriano, 42, no Bairro
Alto em Lisboa

DATA

09/11/2010 A 30/11/2010

10/11/2010 - 19h

MOSTRA DE ARTE DIGITAL / VIRTUAL

Curadoria Artística: Pedro Andrade

Obras de:

- Luís Campos
- Nuno Maya
- Pedro Andrade
- Artur Matuck
- Luís Petry
- Paulo Melo

INDUMENTÁRIA - MARACATU DE BAQUE SOLTO



O Maracatu de Baque Solto, também conhecido como Maracatu Rural, é uma manifestação da música folclórica pernambucana, no qual figuram os conhecidos “caboclos de lança”. Em organização, personagens e ritmo, distingue-se do Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado.

É em Pernambuco que o maracatu nasce, representando uma das mais importantes expressões culturais do estado. Os negros africanos que vinham como escravos, escolhiam nos seus líderes locais os novos reis de suas nações. Às vezes o próprio rei era trazido como escravo para o Brasil e então confirmado como rei de sua nação. Nessas cerimônias, onde procuravam manter a sua identidade e a unidade do povo, havia a coroação do rei e rainha e toda uma corte. O ritual incluía até uma visita aos portugueses e a igreja católica, mas mais por diplomacia e pela necessidade de convivência com o branco. A estrutura da corte nos maracatus nação é a mesma das cortes européias, com princesas e toda a nobreza. E aí começou uma mistura que enriqueceu enormemente o ritual, com roupas européias e grandes protetores de sol para o rei e rainha, misturados com entidades religiosas vindas da África e ainda a presença do índio brasileiro. Tudo isso encontrou o seu lugar apropriado no maracatu.

Colorido, rico e cheio de esplendor é assim o visual, na qual cada personagem tem o seu significado. Há as damas do paço que carregam as calungas: bonecas representativas dos antepassados da nação. Os caboclos representam os guerreiros que protegem a nação e muitas das suas danças são formadas por movimentos de combate. As baianas fazem referência aos orixás africanos e a tudo isso foi se somando a influência portuguesa de um modo poderoso, sem esquecer os índios. Os cantores, ou mestres, junto com o batoque, vem atrás de tudo, cantando louvores as nações negras da África. Normalmente não dançam, pois quem dança não canta e quem canta não dança.

Os rituais africanos assumiram uma importância muito grande no folclore brasileiro. A beleza do maracatu tem muita semelhança com toda a beleza do carnaval, as fantasias e coloridos exagerados, o brilho das cores e toda a vivacidade das danças. Em Pernambuco, terra de um carnaval distinto e mais rico do que na maioria dos lugares, o maracatu faz parte dos pilares mestres.



CIPRIANO SOUZA

Manhãzinha de uma segunda feira preguiçosa e Cipriano Souza me liga do interior da Bahia, seu estado de origem, onde foi respirar e se inspirar. Pede-me um texto para o catálogo da exposição da qual participará em Portugal. “Joga umas palavrinhas aí no papel e manda...” diz ele, com sua simplicidade desconcertante. Em seguida, desanda a falar. Reclama da falta de peças para consertar a Kombi com a qual está viajando, das limitações da câmara com a qual está gravando aspectos dos habitantes da região... Eu penso: “E eu com isso?”

Na verdade, tenho muito a ver com isso. Diariamente surgem, como pés de cactus no sertão, dezenas de artistas por este Brasil grande. Artistas que não teorizam sobre a Arte, nem sobre seus trabalhos, apenas sentem que são artistas e desandam a criar, a espalhar sons e cores pelo mundo. Esta é uma força natural brasileira, da qual somos todos responsáveis. E estes criadores precisam de tradutores, de sentimentos-pontes.

Cipriano conta que está no Sudeste da Bahia, o artista fugiu da asfixia de Sampa pra se alimentar de luzes no sertão familiar. Das técnicas e expressões, ele arrisca várias delas. Pra quem nasceu na porta do século XXI, no sertão baiano, não haveria sentido em limitar as mídias. Portanto, Cipriano pinta, “borda”, “chuleia e prega botão”, toca fole e ganzá, filma, conta “causo” e bate prego. E, também, se dedica à pintura, talvez a primeira e mais cômoda manifestação. Em sua pintura se detecta os jogos da infância, o ludo-lúdico, os modos e as maneiras de ver a vida, um sentir o mundo à la Miró, a colagem da vida e arte se manifestando em sintonia. Poderia dizer, em “sinfonia”, mas a arte de Cipriano está mais pra xaxado, farinha e cachaça, patchwork existencial, quadrados imperfeitos, círculos estrábicos, flores despetaladas, figuras aleatórias de bichos e coisas pescados na infância da memória.

Cipriano é isso e muitas surpresas, como baú de guardados, do qual sempre é improvável prever o que nos reserva, principalmente se tratando deste baiano despachado pra São Paulo, em busca de aplausos e platéias, mas que acabou encontrando amor, amigos e liberdade de ir e vir.

(Paulo Klein - Crítico e Curador de Arte - APCA/ABCA/AICA)



RICARDO PENNINO

Formado em ciências biológicas, abandonou a carreira acadêmica para se dedicar às Artes. No ano de 2007, o interesse era a arte visual com produções de quadros, ilustrações e ao mesmo tempo montagem de cenários e exposições.

Conforme o aprofundamento nos estudos e a interação com artistas contemporâneos o interesse ampliou-se para a espacialidade, o que já acontecia, mesmo que ingenuamente, nas derivações feitas em busca de suportes que só a rua poderia proporcionar tanto para os grafittis como em cima do skate e bicicleta.

Ao mesmo tempo o encontro com o legado de artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica, Lygia Pape, Marina Abramovick e Ernesto Neto, a ânsia de mergulhar no redescobrimiento dos sentidos foi despertada e na decorrência disso a busca por mais artistas que trabalhavam nesse âmbito foi inevitável. Hoje a pesquisa sobre esse tema propõe experimentos sensoriais, nos quais não existe um objetivo concreto de onde se quer chegar (por isso o caráter experimental) e sim um auto conhecimento para cura e melhor relação com si mesmo, o próximo e o meio

Em 2009 envolveu-se com a Dança a fim de aumentar a consciência corporal. A Soma dessas experiências corporais com a criação de imagens resultou numa produção mais gestual e abstrata que anda numa linha tênue, onde pode-se pensar na imagem e gerar um movimento, ou pensar num movimento que gera uma imagem.





PEDRO VICENTE

Pedro Vicente é inclassificável. Ele é um dharma bum, um vagabundo do dharma. Um surfista de sincronicidades. Um Dennis Hoper invisível. Ele não quer ser redutível a categorias do fazer e nem ser traduzido. E o que eu estou fazendo aqui? Exatamente o que ele não quer. (...) Vamos seguir a rota de seu surf. Ele faz parte de uma legião de visionários que tem sua linhagem nos tempos. (...) Os americanos ganharam a Guerra com o Japão, mas a cultura japonesa invadiu a Americana principalmente através do zen-budismo. Uma nova espiritualidade apareceu, um zen com roupas de caubói que permeou a cultura deste país. Um dos livros mais bandeirosos deste período foi o Dharma Bums de Jack Kerouac, os vagabundos do dharma vivendo o aqui e o agora sem objetivações. Eu classifico a pintura de Jacson Pollock de zen. Muito adubo neste solo, desde William Blake, Novalis, Walt Whitman, Emerson, Gurdieff, sufi, zen, flores novas cresceram dando origem a uma cultura de paz nos anos sessenta muito forte: o movimento hippie. Inaugurado por um novo portal de consciencia através de alucinogenos, lsd, mescaline, peyote, no porta voz mais altissonante que foi Timothy Leary, junto com Aldous Huxley, Castañeda, Ken Kesey. Destas Portas da Percepção muitos sons levantaram velas, The Doors, Beatles e o diabo a quarto. O lema "Turn In and Drop Out" foi a maior bandeira onde comunidades-sanghas se desenvolveram numa cultura da Paz mais ampla possível. (...) Da segunda metade dos anos 60 um enorme retrocesso se fez sentir até hoje. Mas esperanças surgem. O planeta está tão fodido com os exageros da rapinagem da industrialização selvagem que uma reação se fez sentir. Um viver mais sustentável, uma volta aos princípios básicos da vida, a formação de novas sanghas que lutam pelo planeta... Men in green, nor more men in black. Esta consciência se faz não na luta exterior, também na luta exterior, mas no olhar para dentro, no despertar de uma consciência individual que, somada, se transforma em coletivo. E isto permeia a cultura. E daí surge o Pedro Vicente em São Paulo. Ele é tudo. Não se limita a uma linguagem. É teatrólogo, escritor, poeta, pintor, xamã... Não sei o time de futebol que ele torce, acho que pra nenhum, porque torcer para um exclue os outros, e ele é includente. Esta cultura é includente, não é uma cultura de nichos post-moderna a la Duchamp, não é objetivações de rótulos, é um surfar nas ondas das possibilidades infinitar do mar quântico. A grande ação de Pedro é pintar o Palhaço do Dharma em todos os cantos do planeta. O Dharma Clown não é um arauto: ele sussura consciência nos ouvidos daqueles que vêm e se mostra aos olhos daqueles que ouvem. É este o grande convite. Ser um palhaço do dharma, a lei inerente da serenidade e amor. Esta geração une as pontes outra vez. Alguns. VIVA PV, PEDRO VICENTE.

(José Roberto Aguilar)



DAN MABE

Formado em Artes Visuais pela Faculdade Belas Artes de São Paulo. A produção do artista atualmente gira em torno de temáticas ligadas ao viver coletivamente, para isso representa nas telas personagens com características urbanas como figuras humanas muitas vezes aglomeradas sobre um espaço, inseridas em um contexto urbano; ou retratando temas da cultura brasileira como o samba, a capoeira e festas regionais.

Para retratar o viver coletivo, além das figuras humanas, faz uso, com frequência, de personagens que remetem à imagem do cachorro. Isso se deve ao fato de o cachorro ser um dos poucos animais que esteve presente na vida do homem desde os primórdios da civilização até os dias atuais, auxiliando-o em tarefas como a caça, a guarda, guia para deficientes visuais ou servindo de companhia.

O homem e o animal guardam semelhanças entre si, dentre elas o modo de se organizar em grupos/matilhas e demarcar territórios. Nos dias atuais, mais do que nunca, o homem procura agregar seus comportamentos à vida do animal fazendo uso de bens de consumo como alimentos, perfumes, roupas, acessórios e proporcionando acesso a tratamentos de estética e saúde.

Em alguns trabalhos, o cachorro de rua, vira-lata, é retratado como forma de reflexão sobre a importância da diversidade étnica, cultural e da miscigenação que encontramos no Brasil.





KIKA GOLDSTEIN

Nascida dia 28 de Setembro de 1984, em um ambiente regado a diferentes estímulos culturais, a artista plástica Maria Julia Goldstein Abujamra, mais conhecida como Kika Goldstein, carrega em seu nome o legado cultural da família Abujamra

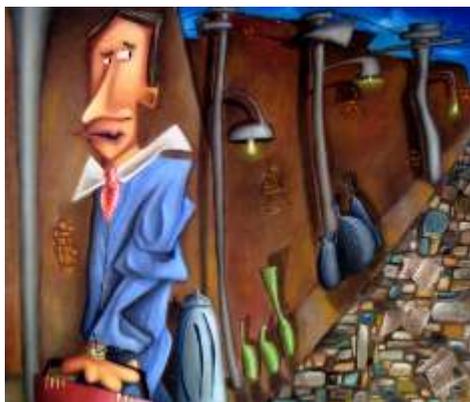
A poética do seu trabalho sempre esteve relacionada à figura humana e à personificação das cores numa alquimia mágica de tons vibrantes e únicos

Inspirada fortemente pelas influências do Cubismo e do Surrealismo, sua carreira teve início em 2000 com a série Pedestres, onde personagens caricatos e estilizados, retratam com humor cenas do nosso cotidiano.

A partir de 2002, sob a influência pulsante da Op Art, inicia-se uma nova fase do seu trabalho: a série Movimentos, que desafia a perspectiva transmitindo sensações de movimento e volume.

Em 2006, após uma temporada no velho mundo, seu trabalho passa a ter traços ainda mais evidentes do surrealismo de Chagall, dando início a uma importante transformação: a série Metamorfoses, onde fundo e figuras se unem em uma atmosfera de cores e formas.

Desde 2002 realizou diversas exposições em São Paulo, entre elas: Galeria Caribé (2004), Coletiva no Centro Cultural de Araras (2009). Participou do Salão de Belas Artes no Rio de Janeiro (2008). Sua primeira exposição internacional aconteceu em Portugal, no Centro de Convenções do Estoril, Lisboa (2005), Em Dubai, marcou sua presença na Exhibition Centre (2008), e recentemente foi convidada para fazer parte da Coletiva no Salão de Arte Brasileira em Hannover, Alemanha e no Salão de Belas Artes do Louvre em Paris(2009).





ANNA GUERRA

"Anna traz da Cultura Popular Nordestina não somente a Inspiração, mas também - (tão bem!) uma nova ferramenta de olhar. Pássaros ou Peixes das lagoas de Porto das Galinhas, Lampiões de Maracatu, Bonecas das Feiras....Tudo isso ou nada disso, Paul Klee emerge - como lição de Olhar e Ver. Nada de friezas nórdicas ou helvéticas, Pulsações..." (Adão Pinheiro).

Anna só pinta aquilo que lhe toca a alma e essa é uma forma de garantir emoção no conteúdo da tela. "Mais do que o próprio desenho que tece e conclui a substância formal da imagem, nos seus quadros deve-se relevar a natureza vibrante de seu cromatismo e sua precisa medida de timbre. A cor, portanto, não é um aparato determinado pela emoção interior, mas sobretudo, uma conotação da dimensão humana e da natureza nordestina da pintura." Temos que acatar a sua paixão pelo Nordeste como um privilégio de nossa parte. E usufruir do talento com que somos brindados por essa mulher que tem nos pincéis uma arma poderosa em defesa de nossa terra e nossa gente.

As cores são sempre harmoniosas e predominam os tons pastéis e formas bem definidas mas isso pode mudar de acordo com o momento de vida. E há um recado e uma idéia em cada quadro, que ela tenta transmitir com figuras simbólicas como mulatas de cabelos vermelhos. A vontade é mostrar a força da mulher nordestina, sua determinação e garra, a luta com um mundo nem sempre hospitaleiro e muitas vezes claramente hostil. Anna se envolve com esses personagens e transmite para eles a sua personalidade combativa e determinada. A ausência de olhos em alguns quadros representa uma valorização das emoções que chegam de dentro. O importante é a força interior.





LÚCIA HINZ

Lúcia Hinz nasceu em 29 de maio de 1957 em Caicó, RN, Brasil. Desde adolescente, dedica-se à arte e a transforma em solidariedade, atuando na defesa do direito e do bem-estar de pessoas menos favorecidas.

Em 1988, migrou para a Alemanha, viveu em Munique e em Aachen. Em 1996 mudou-se com a família para a Bélgica. E atualmente, Lúcia movimenta-se entre a Europa e o Brasil, onde dá continuidade às suas atividades artísticas, sociais e culturais.

Nos últimos anos, a artista promoveu e participou de inúmeras ações junto a fundações de diversos países, vivenciando e participando de campanhas em prol da melhoria da existência humana.

A arte de Lúcia Hinz é composta de traços fortes e firmes, cores reluzentes e alegres, expressando com elegância e humildade através de um formato único, a dimensão da perseverança de uma mulher que sabe o quer, suas obras trazem a nossa consciência, beleza, paz e alegria. Suas figuras nos transmitem o fervor e a força explosiva das paixões, ao mesmo tempo, são personagens que exprimem a pureza e inocência no mais profundo sentimento.

Lúcia pode ser considerada uma poetiza das cores, que através de suas obras nos conscientiza de que a felicidade e a paz podem estar na simplicidade da nossa existência, ela abstrai as problemáticas e dá ênfase a cenas que expressam as vitórias de uma mulher que sabe lutar pelos seus objetivos.



MARCOS DE OLIVEIRA

A obra de Marcos de Oliveira cativa fundamentalmente por dois fatores: a expressividade e a autenticidade. Suas figuras arredondadas deformam a realidade que visualizamos de uma forma harmoniosa e sua linguagem é fruto da gradual construção de uma maneira toda pessoal de conceber o mundo.

As cores geralmente chapadas e os diálogos entre elas geram um universo visual diferenciado. Nesse sentido, cada quadro pode ser reconhecido como sendo do artista de longe, resultado do amadurecimento de uma trajetória caracterizada pela busca de soluções plásticas que lhe dão identidade.

Seu lidar com as proporções e a ausência de profundidade contribuem para oferecer uma mescla de formação autodidata com um progressivo processo de observação de obras de outros artistas e visitas a museus e galerias para conhecer cada vez mais e estabelecer o seu percurso.

O resultado é uma mistura bem temperada de sonho e aprendizado. Composição, perspectiva e desrespeito às cores consideradas reais convivem em temas figurativos e reconhecíveis numa corda-bamba fundamentada na criativa construção de obras que se sustenta no permanente aprimoramento, na beleza plástica e na pesquisa constante.

(Oscar D'Ambrosio, jornalista e mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp, integra a Associação Internacional de Críticos de Arte - AICA- Seção Brasil)





LIA THOMA

Artista Plástica, pintora e também formada em Fonoaudiologia na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu seus primeiros 20 anos de vida, depois de formada ela começa sua viagem: primeiro Paris, onde viveu 2 anos fazendo Neuropsicologia. De lá foi direto para Montreal, Canadá, depois Londres, Liverpool. Na África (Zimbabwe) ficou também 2 anos, acompanhando um trabalho voluntário para o Governo Alemão. Terminando assim por se instalar na Alemanha desde 1988.

No ano de 2000, ela começa a trabalhar com organizações de eventos culturais Brasileiros em Frankfurt/main. CCBF - Centro Cultural Brasileiro em Frankfurt/main. Sua função principal dentro do CCBF é a organização de Exposições de Artistas Brasileiros na Alemanha.

Lia Thoma não trabalha só na pintura a óleo, mas usa também o acrílico, a aquarela, a seda, desenha e faz esculturas em Terracota.

Há 22 anos vive em Frankfurt/Main, sua pintura reflete sua Paixão por esta cidade. Em sua homepage (www.Lia-Thoma.de) você pode encontrar telas em todos os estilos e formas, Frankfurt em pontilismo, Frankfurt em Abstrato, Frankfurt em Aquarela, Frankfurt a óleo, em acrílico, e etc... Sem limites! A pintura tornou-se para ela uma forma de expressar seus sentimentos para com o mundo e consigo mesma.





ILKA LEMOS

Ilka Benez Brandão Lemos nasceu em Araçatuba, São Paulo, em 1957. Frequentou a Faculdade de artes Plásticas de Penápolis, SP de 1974 a 1975. Estudou desenho e pintura com Ângela Anzel em 1986 e História da Arte com Arnaldo Filho em Araçatuba, SP/88 e Nova York e Washington em 1989. Em 1986 fez workshop com Antonio Helio Cabral, em São Carlos, São Paulo

Na capital Paulista, a partir de 1997, participou da oficina Arte e Movimento, no Sesc Pompéia, e ingressou no atelier de Sergio Fingerman, por quatro anos. Em 99 participou de Encontro sobre a Bienal, dirigido por Agnaldo Farias, na Fundação Oscar Americano e estudou história da Arte com Rodrigo Nunes (1999-2000).

Ilka Lemos participou de numerosas exposições individuais e coletivas em São Paulo, Campo Grande, Araçatuba, Santarém, Sines e Lisboa, em Portugal. Em Mar del Plata e Buenos Aires na Argentina e em New York.

Ilka também inaugurou, com 9 painéis, a obra pública na estação do metrô Alto do Ipiranga, em São Paulo. Também participou da semana literária na Av. Paulista, com a obra Lilith.





NICHOLAS PETRUS

Nicholas Petrus (São Paulo, 1978) é artista e curador. Como curador independente trabalha especialmente com a arte contemporânea na América Latina. Foi organizador do projeto de intercâmbio e residência A3-Realidades Paralelas, entre artistas peruanos e brasileiros nos anos de 2004 e 2005; curador das mostras coletivas internacionais 512 Anos: América em (des)contexto (2004) e Zona de Trânsito (2006) no Instituto Cultural Cervantes de São Paulo; Identidad27 – Bienal Revisitada (2007) na Galeria EBA no Peru; Par Avion (2008) na Galeria Marta Traba da Fundação Memorial da América Latina; realizou curadoria da exposição Linha Líquida.Línea Líquida.Liquid Line (2009), realizada também na Galeria Marta Traba; e Amerikan Kinetics (2010) na Galeria Capital Gold em Dusseldorf (Alemanha).

Como artista plástico desenvolve uma pesquisa visual que procura entender os limites e interseções entre a arte e a política, explorando a poesia, o discurso e a palavra, e suas relações e implicações na construção da identidade pessoal e, especialmente, social. Economia, cartografia, geografia, identidades nacionais, conflitos sociais e etc., são fontes primárias para suas idéias, que se desdobram num trabalho artístico despreocupado com o suporte tradicional, rígido ou específico ao/do artista. “Para cada problemática conceitual devo buscar os elementos, objetos e materiais que melhor refletem as minhas idéias, por isso posso apropriar-me com tranquilidade de distintas técnicas, desde a pintura óleo tradicional até a vídeo arte low-tech. Cada situação vivida, pensamento, o que quer que seja que pode desdobrar-se numa elaboração artística, pode também ser desmembrado em soluções estéticas muito particulares”, reflete o artista.



ABADÁ-CAPOEIRA

APRESENTAÇÃO 1

LOCAL

Casa do Brasil de Lisboa

Rua Luz Soriano, 42, no Bairro Alto em Lisboa

DATA E HORÁRIO

09/11/2010

Horário: 19h00

APRESENTAÇÃO 2

LOCAL

Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro

Antigo Solar da Nora
Estrada de Telheiras, nº 146

DATA E HORÁRIO

04/12/2010

Horário: 17h00



José Tadeu Carneiro Cardoso mais conhecido como Mestre Camisa, unificou a Capoeira criando um sistema que junta a Capoeira Regional e a Capoeira Angola, ele e seu irmão Camisa Roxa (aluno de mestre Bimba) criaram e fundaram na década de 1980 a Abadá-Capoeira: Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira. Camisa integrou a academia de mestre Bimba onde logo se formou em 1969. Participou como capoeirista de numerosos espectáculos folclóricos organizados por seu irmão Camisa Roxa. Em 1972, aos 16 anos portanto, abandonou os estudos para profissionalizar-se como capoeirista no Rio de Janeiro. O associação Abadá-Capoeira é uma entidade de utilidade pública sem fins lucrativos, que tem como objetivo a difusão da cultura brasileira através da Capoeira pelo mundo. Seu exercício é um forte instrumento de integração social, pois trabalha com todas as classes e possibilita, também, a recuperação da noção de cidadania. Tem representações efectivas em todos os estados brasileiros e 30 países. A Abadá-Capoeira: Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira, é actualmente uma das maiores divulgadoras da cultura nacional, tanto no Brasil quanto no exterior, realizando cursos, seminários, palestras e projectos.

COMISSÃO CIENTÍFICA



FRANCISCO RUI CÁDIMA

Professor Associado com Agregação do DCC-FCSH. Coordenador do Mestrado de Novos Media e Práticas Web e também Coordenador do Curso de Licenciatura e membro da Comissão Executiva do DCC-FCSH. Investigador do CIMJ – Centro de Investigação Media e Jornalismo. Autor de várias obras sobre audiovisual, *media* e novos *media*.



RICARDO CAMPOS

Mestre em Sociologia e Doutor em Antropologia Visual. Foi investigador de pós-doutoramento no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA pólo ISCTE) e atualmente é investigador-auxiliar no Laboratório de Antropologia Visual do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (Univ. Aberta). Tem trabalhado na área da juventude, culturas urbanas, cultura visual, metodologias visuais e tecnologias digitais em ciências sociais. Tem diversos artigos e capítulos de livros escritos sobre estas temáticas em publicações nacionais e internacionais. Recentemente publicou o livro “Porque pintamos a cidade. Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano” pela Editora Fim de Século.



ROSANA MARTINS

Cientista Social formada pela Universidade de São Paulo- USP. Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes/USP. Autora dos livros: Hip-Hop. O estilo que ninguém segura (Esetec, 2006); Admirável Mundo MTV Brasil (Saraiva, 2006); Direitos Humanos Segurança Pública & Comunicação (Acadepol, 2007). Curadoria do Projeto Urbanidades em Movimento Casa do Lago/Unicamp – Setembro/Outubro. Atualmente é pós-doutoranda e pesquisadora do CIMJ – Centro de Investigação Media e Jornalismo, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, e pesquisadora do Centro de Estudos Cibernética Pedagógica - Laboratório de Linguagens Digitais -Universidade de São Paulo/Escola de Comunicações e Artes - São Paulo/Brasil



PEDRO DE ANDRADE

Professor na FBAUL. Investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens-CECL, FCSH-UNL. Coordenador do projecto de investigação 'Comunicação Pública da Arte: o caso dos museus de arte locais/globais', apoiado pela FCT. Membro do Conselho Editorial da Revista de Comunicação e Linguagens' do CECL. Membro do Comité de Rédaction da revista LORETO, do Ministère de la Culture e Université Libre de Bruxelles. Director da revista Atalaia. Autor de 112 textos (artigos de revista, livros, comunicações de congresso, etc) a maior parte publicados; participação em conferências e entrevistas nos mass media; realização de trabalhos e eventos no cinema, artes visuais e digitais e ciberespaço/cibertempo.

COMISSÃO CIENTÍFICA

MARIA GORETTI PEDROSO



Jornalista, com especialização em cinema publicitário. Mestre e doutora em Ciências da Comunicação com interface em Multimídia pela Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Consultora Pedagógica do Senac, coordenadora do Centro de Estudos da Comunicação Barbarella da ECA-USP e pesquisadora do Centro de Estudos Cibernética Pedagógica - Laboratório de Linguagens Digitais - ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP - Universidade de São Paulo. Iniciou a sua formação em jornalismo, tendo feito especialização em cinema publicitário no MOMI (Museu da Imagem e Movimento) de Londres – UK. Trabalhou em vários veículos da comunicação, tendo passado pelos jornais Folha de São Paulo, Folha da Tarde e Gazeta Mercantil, pelas revistas Claudia Moda, Claudia, Capricho, Dados e Idéias, Set, Pais e Filhos entre outras. Na TV atuou na TV Globo e na TV Cultura. Na publicidade fez trabalhos para as agências DPZ, LODUCA, AGE e Dm9. Fez pós-graduação voltada à área de cinema, tendo trabalhado em vários longas como: Fogo e Paixão, A Dama do Cine Shangai, Marvada Carne e Carne Trêmula (Pedro Almodóvar). Atualmente, dirige comerciais, institucionais e documentários, além da área pedagógica. É autora dos livros: Mulher Virtual (Esetec, 2005); Admirável Mundo MTV Brasil (Saraiva, 2005); Direitos Humanos, Segurança Pública & Comunicação (Acadepol, 2007); Zip, Blact, Zoom – Um mergulho na criatividade (Saraiva, 2009); A Mulher na Sociedade da Comunicação Ciberdigital (Saraiva, 2010).

CURADORIA ARTÍSTICA

ANNA GUERRA



Curadora de Artes Visuais do Panorama Brasil em Movimento. Membro da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Estudou arquitetura, aos 21 anos passa a seguir carreira de artista plástica e hoje é galerista, curadora do Espaço Galeria 3058A, em São Paulo. Diversas exposições pelo Brasil e exterior, incluindo O Carrousel Du Louvre, Paris, Nova York, Lisboa, Frankfurt, Grand Palais e Miami.

ANA RITA CHAVES



Produtora cultural, presidente da associação Dialogo e Acção, fundadora da Zulu Nation Portugal, idealizadora do Projeto Hip Hop de Batón (apoiado pela fundação Calouste Gulbenkian). Foi diretora executiva do projeto Viva Cazuzua. Coordenadora do Projeto Tomando Rumo, promoveu e dirigiu o projeto Hip Hop por um mundo melhor, na FNAC Colombo e Hip Hop pela não violência na FNAC Chiado. Atualmente esta a frente da coordenação do Meting Off Styles Lisboa 2010 e do HipHop de Gravata promovendo a não violência nos bairros sociais 2010/2011.

ORGANIZAÇÃO



centro de investigação media e jornalismo

CEMRI CENTRO DE ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES
E DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS

CRIA CENTRO EM REDE
DE INVESTIGAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA

FCSH-UNL
FCT-UC
ISCTE-IUL
UM

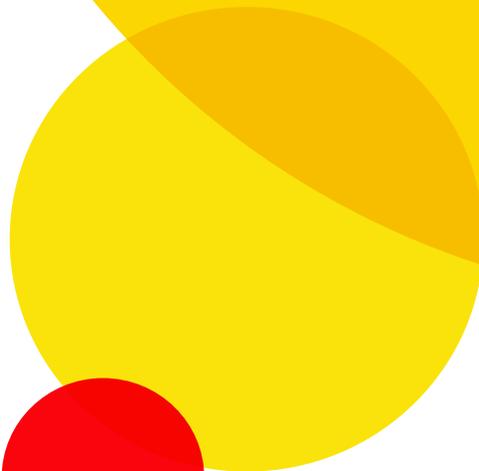
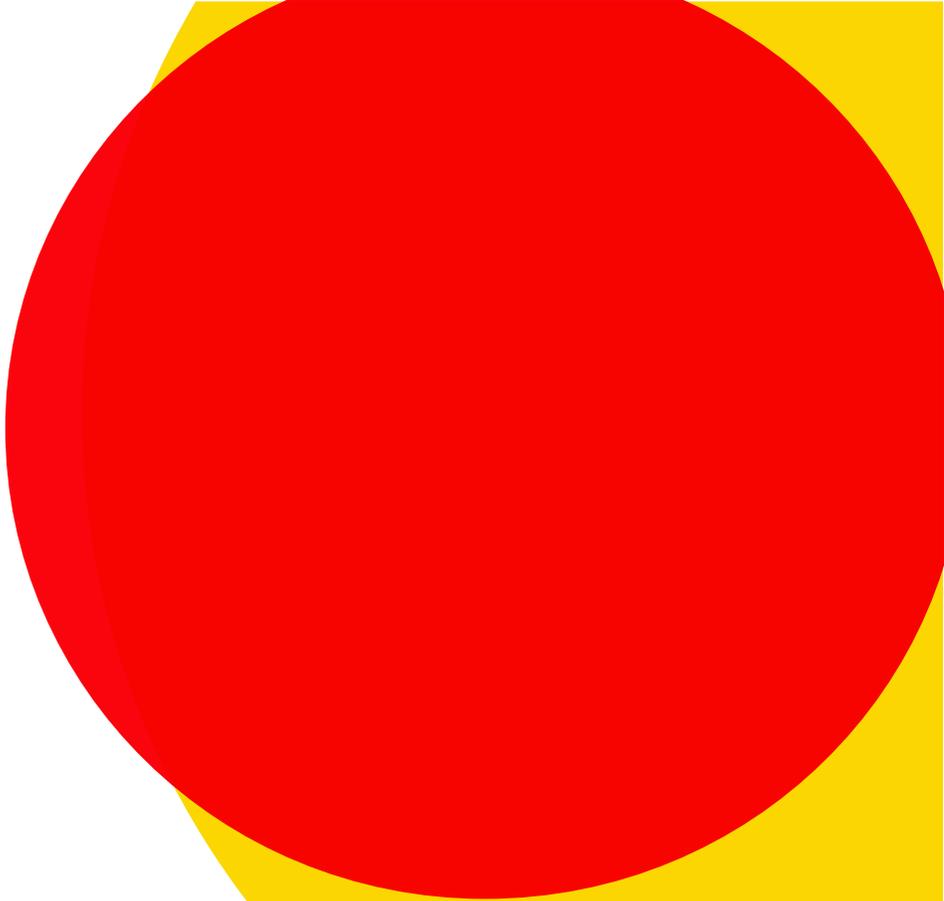



PARCERIA



APOIO





**NOVEMBRO-DEZEMBRO
2010**